

Kobani

Uma bomba-barril é Sundus, de 11 anos, a vida sem um olho



O alemão que passou seis anos a fotografar muros vai ter de actualizar esse projecto. Em Cascais, no paredão, estão sírios a quem a guerra levou partes do corpo e o que resta de Kobani

Sofia Lorena Texto
Enric Vives-Rubio Foto

Kai Wiedenhöfer é fotógrafo e é fotojornalista, tenta publicar o seu trabalho, e costuma acabar por conseguir, em revistas norte-americanas ou alemãs. Também publicou livros. Mas quando inicia um projecto, muitas vezes não tem garantias de que vá ser publicado. “Os *media* investem cada vez menos em trabalhos de fôlego, em dar tempo aos jornalistas”, diz. Não é a única queixa: “A realidade é tão horripilante que os *media* tentam impedir-nos de ver por supostas razões éticas”, escreve Kai no catálogo de *Quarenta de Um Milhão*, um milhão de sírios feridos desde o início da revolução, em Março de 2011.

“A BBC tem um vídeo que se propõe a explicar o que é uma bomba-barril. Às tantas, há um homem que acende um cigarro e é com o

cigarro que ‘inicia’, detona, a bomba; depois, calçado com umas belas botas, dá-lhe um pontapé e atira-a do helicóptero. Vemos a bomba a descer e a explodir. A explosão é muito fotogénica, cinematográfica”, diz o alemão, à mesa de um café, a curta distância da exposição que inaugurou domingo no paredão de Cascais. “Mas a guerra não é isso, a guerra é Sundus a viver o resto da vida com o que viveu e sem o olho que perdeu, é esse sofrimento multiplicado por todas estas pessoas.”

Sundus tinha 11 anos quando Kai a fotografou, descalça, vestido cor-de-rosa no peito e nas mangas, florido depois até abaixo, uma tira de renda (com um pequenino rasgo) a terminar. Todas as fotografias deste projecto foram feitas entre a Primavera de 2014 e Fevereiro deste ano. Há muitas crianças nestas imagens – um menino perdeu um braço, uma menina uma perna, outro menino perdeu outra perna, há uma rapariga sem as duas pernas; Ibrahim, de oito anos, ficou gravemente queimado no rosto e numa perna, acabou por ser tratado num hospital turco, o pai, Zahid,

pediu cinco mil dólares emprestados para a operação, que incluiu reconstruir o queixo que Ibrahim já não podia usar. Ibrahim está vivo, mas com o rosto desfigurado.

Sundus é uma menina que Kai não vai esquecer. Uma bomba-barril – uma das armas preferidas do regime de Bashar al-Assad, um chamado “explosivo improvisado” que consiste num barril cheio de explosivos e o que mais se quiser (pregos, petróleo...) – atingiu a sua casa quando ela estava a brincar na rua, perto, mesmo perto. A bomba matou todos os que estavam dentro da casa: o irmão e o pai mais 11 membros da família do tio; ela foi atingida por estilhaços que lhe levaram o olho esquerdo e o que mais algo assim pode levar a uma menina.

“Ela estava completamente destroçada. Tinha esta mochila que trago comigo e lembro-me de que ia tirar qualquer coisa, não era a máquina, ou era um livro para mostrar um trabalho anterior ou o meu bloco de notas, hesitei uns momentos a tentar tirar o que queria e ela desabou, desatou num pranto. A tia disse-me ‘Não é por tua causa, ela

está sempre assim, isto acontece a cada 20 minutos”, recorda Kai. Depois, estranhamente, a sessão até foi das mais longas e correu tudo bem enquanto ele fotografava Sundus. Ela lá está, sem sorrir, muito direita, sobrancelhas bem definidas e negras, o cabelo muito liso atrás das orelhas e os braços completamente caídos, menos as mãos, os dedos estão um pouco dobrados para dentro, como se segurassem o peso de tudo o resto.

A conversa com Kai aconteceu já a exposição, trazida a Portugal a convite do Festival de Cinema Lisbon & Estoril, estava montada, numa manhã de muito, muito sol. Ao longe, foi fácil reconhecê-lo, era o homem de roupa suja de trabalho, trincha e lata de tinta branca na mão.

Quando nos perdemos a olhar para os seus retratos de sírios, intercalados com imagens do que resta de Kobani, a cidade síria curda junto à fronteira com a Turquia que quase desapareceu do mapa quando os jihadistas do Estado Islâmico a tentaram conquistar, Kai tanto se distraía com um pormenor e nos contava mais um pouco da história

por trás de uma foto como pegava no seu marcador negro e disfarçava as falhas das dobras, onde os painéis impressos se encontram e as cores desaparecem numa linha fina, de alto a baixo.

“Onde é?”

Kai prefere expor em espaços públicos. “Nos museus, chegamos aos suspeitos do costume. E na Alemanha, por exemplo, um bilhete pode custar nove, dez euros, uma família paga uns 25 euros para ver uma exposição”, diz. “No espaço público chegamos a toda a gente, provocamos mais reacções.” Um carro da Polícia Municipal de Cascais pára quando Kai está de marcador em punho, os dois agentes preocupados com um potencial vândalo. “É o fotógrafo”, explicamos. “Onde é?”, pergunta um agente. Kobani. Síria. Sírios vítimas da guerra que dura há quase cinco anos. Há pessoas que se deixam ficar a olhar, algumas fotografam as fotografias. Uma senhora a olhar para uma síria mais velha que recebeu uma prótese demasiado pequena para sua perna faz um ruído, uma espécie de gemido tímido.



Kai não consegue parar. A exposição está montada, mas falta sempre retocar aqui e ali. “E depois há a manutenção...” O paredão tem algas secas coladas ao chão, o mar este ano já chegou ali. Há um banco de madeira que Kai ainda não desistiu de tirar do sítio, tapa os ténis e “os ténis são muito importantes”. O banco já está meio desaparecido do chão, mas ainda não é desta que o fotógrafo vai conseguir arrancá-lo e mudá-lo de lugar, apesar das tentativas.

O banco calhou ficar a tapar a parte de baixo da fotografia de Salam M, de 13 anos, e as suas sapatilhas brancas, atacadores apertados mas compridos, descaídos. Foi amputada abaixo do joelho depois de uma bomba-barril ter esmagado a sua perna quando ia comprar um boné de basquetebol como prenda para a irmã, Fateneh, de 15 anos. O primo, Bisan, de dez anos, morreu. Salam foi tratada na Síria, depois numa cidade da Jordânia perto da fronteira, finalmente em Amã. A 8 de Fevereiro de 2015 regressou à escola, três anos depois da bomba-barril.

A imagem que Kai fez dela pare-

ce mais de escola do que de bomba. O cobertor da cama onde está sentada tem flores, a parede atrás muitas borboletas de todas as cores, passarinhos, mais frases e palavras como “Love”, “The New Day” ou “Where is Great Love There Will Always Be Miracles” (“Onde houver grande amor haverá sempre milagres”). Só Salam parece nem estar ali, mãos pousadas no colo, olhar vazio, pele quase tão branca como o lenço que lhe cobre o cabelo e o pescoço, ainda mais branco do que o branco da parede, igualzinho ao branco dos ténis que Kai quer que quem passe possa ver. E aquele banco ainda vai sair dali.

O alemão já tinha feito um projecto com semelhanças, quando decidiu ir fotografar habitantes de Gaza um ano depois da operação israelita de 2009. É um dos seus trabalhos mais premiados, também foi dos mais polémicos. Porque um dos espaços públicos onde Kai mais expõe – o mesmo onde a exposição do paredão de Cascais poderá ser vista no próximo ano – é o que sobra do Muro de Berlim. “Há sempre um pequeno grupo de pessoas muito rui-

dosas que considera que tudo o que se faça sobre a violência provocada por Israel é anti-semitismo.”

É o que dá fazer exposições em grandes espaços públicos, na Alemanha ou não: toda a gente pode ver e isso chama mais a atenção do que retratos de civis desfigurados nas paredes de um museu. Quem passear no paredão nos próximos dias pode ser apanhado desprevenido. Pode e deve.

Atrocidades maiores

De regresso às críticas que Kai faz aos *media*, às tais “supostas razões éticas” que escondem o horror da guerra, o fotógrafo defende que isso, “em vez de prevenir a guerra e o sofrimento, ajuda a desencadear a próxima guerra, tornando-a mais aceitável [palatable] para o público”. E não há nada de “aceitável” ou “agradável” numa guerra, muito menos nesta, que Kai já viu muitas. “Nunca, em todos os meus anos como fotógrafo, testemunhei atrocidades tão graves.”

Kai vai muito à Síria, regressou do país há três semanas. Mas estes civis foram quase todos fotografados nos

países em redor, onde foram parar em busca de tratamento e refúgio. Líbano e Jordânia, nos grandes campos de refugiados, “feitos para os jornalistas, controlados”, e nas casas onde dezenas se amontoam por não terem dinheiro para mais. O método do fotógrafo é sempre o mesmo: uma conversa onde explica o seu trabalho, mostra projectos anteriores como o de Gaza, e depois uma sessão a sós com o fotógrafo, que pode demorar dez ou 25 minutos.

“A ideia é estabelecer uma relação; no caso das crianças, com os seus familiares também, claro. É quase sempre parecido. E normalmente as pessoas percebem e concordam. Ajuda imenso falar a língua, claro.” Kai, que nasceu em 1966, estudou árabe depois de estudar fotografia; fotografia estudou na Alemanha, árabe em Damasco, a capital da Síria agora destruída.

Berlim, o muro inicial

As aulas de fotografia tinham começado há duas semanas quando o Muro de Berlim caiu. A 9 de Novembro de 1989, pelas onze e meia da noi-

te, o tenente-coronel Harald Jäger abriu o *checkpoint* de Bornholmer, sem ordens. Kai estava na cidade de Essen, a quase 500 quilómetros. As ordens de um professor a todos os alunos foram: “Cheguem a Berlim o mais depressa que conseguirem e fotografem”. Eram umas quatro da manhã quando Kai chegou a Potsdamer Platz. “Fiquei três dias. Se soubesse, teria ficado mais. Devia ter ficado pelo menos três semanas”, diz hoje o fotógrafo que aprendeu a importância do tempo no seu trabalho.

Na altura, Kai não sabia ainda que iria dedicar muitos anos a fotografar o Médio Oriente ou seis anos inteiros à procura de muros. O seu livro *Wall* foi publicado em 2007, *O Livro da Destruição*, sobre Gaza, em 2010.

Em 2003, numa das vezes em que foi um jornal (suíço) a desafiarlo para um trabalho em vez de ser ele à procura de onde publicar o que quer fazer, começou a fotografar os muros que separam Israel dos territórios da Palestina. Depois, não parou: fotografou a vala e a vedação em Melilla, que separa o enclave espanhol de Marrocos, as linhas da paz em Belfast ou o edifício monolítico que se chama Muro de Bagdad. Foram muitos mais os muros fotografados. Mas agora o mundo tem tantos muros novos, vários a tentar que quem foge do Médio Oriente e de África não consiga chegar à Europa.

Crianças e palavras


“Quando os líderes não sabem o que fazer, mandam erguer um muro. Não resolve nada, não lida com o problema, esconde o outro do outro lado, é só estúpido”, diz Kai, depois de afirmar que “provavelmente” vai ter de se dedicar em breve a “actualizar o projecto dos muros”. Mais ainda sendo europeu, principalmente alemão. “Os refugiados vão continuar a vir, a guerra na Síria vai piorar, no próximo ano virão mais do que aqueles que chegaram nos últimos meses, a Alemanha [que está a receber grande parte destes refugiados] vai ter problemas, vai haver gente zangada, que não percebe o que está a acontecer.”

Kai diz muitas asneiras na conversa em inglês, é difícil falar sobre tanto horror sem deixar sair alguns palavrões.

Há muitas crianças neste último projecto, dedicado ao milhão de feridos que se estima que a guerra síria tenha provocado. “Por um lado, há mais crianças vítimas, por outro, uma criança não é um possível rebelde, é uma criança, não há política no sofrimento de uma criança”, diz. E depois de tantas crianças amputadas e desfiguradas que conheceu e fotografou, é normal que Kai fale delas e diga palavrões.



KAI WIEDENHÖFER
ALEMÃO FOTOGRAFOU
VÍTIMAS DA GUERRA
NA SÍRIA E O QUE
RESTA DE KOBANI
Mundo, 24/25

A portrait of Kai Widenhöfer, a man with glasses and a beard, wearing a light-colored button-down shirt and blue jeans. He is standing with his hands in his pockets against a yellow background.